

## Rita Lee: um talento em forma de mulher

10/05/2023

Maria Clara Bingemer

teóloga, professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

A luz dos cabelos ruivos e um par de olhos verdes foi subtraída de nossas retinas e sua voz de nossos ouvidos. Rita Lee partiu e faz o Brasil chorar de saudade. Sobretudo as mulheres. E por que o público em geral e muito especialmente o público feminino tem esse carinho e essa paixão pela cantora que hoje nos deixou?

A primeira razão seguramente é seu talento. No momento em que o rock se firmava no Brasil, ela começou a brilhar como cantora e compositora. Foi a primeira mulher a liderar uma banda de rock. Originalidade, humor, crítica de bom gosto eram a tônica de suas músicas e performances. E além disso, graça, beleza, simpatia. Talento para dar e vender foi fazendo Rita Lee subir no gosto do público e ser líder de vendas de discos no tempo em que ainda se ouviam discos nas vitrolas.

A segunda razão é sua paixão libertária, de perfil rebelde e ruidoso. Rita Lee não teve medo de nada e não deixou de defender nenhuma liberdade. Pode-se não aderir a algumas bandeiras que a ruiva desfraldou ao longo da vida. Mas não se pode deixar de respeitar a coerência com que viveu. Por trás desse compromisso com tudo que fosse humano havia uma consistência ética inegável. A roqueira enfrentou várias ditaduras: a dos costumes, a do pensamento, a do patriarcalismo e não menos, a militar.

Foi presa em casa, na Vila Madalena, por porte de maconha. Rita estava grávida e negou que a droga fosse sua, pois como alegou à polícia, havia parado de fumar devido à gravidez.

O período em que isso aconteceu, com o país em ditadura militar e mergulhado em um obscuro conservadorismo, colaborou para sua prisão. Ela simbolizava tudo que era rejeitado pelo regime que vigorava então no país. Hippies e roqueiros eram tratados como bandidos. Além disso, Rita Lee simbolizava a liberdade de gênero e a emancipação feminina. Sua prisão era emblemática e representou uma espécie de troféu. Foi um momento difícil, agravado pela gravidez. Depois de passar duas semanas na cadeia, a artista foi condenada a um ano de prisão domiciliar e multa de 50 salários-mínimos. Isso não impediu que continuasse com seu estilo crítico e irreverente, enfrentando todas as censuras e violências.

A terceira razão – e para o público feminino talvez a mais importante – é a genialidade com a qual introduziu pautas feministas em suas criações musicais. Ao cantar a mulher, Rita Lee imortalizou afirmações que traziam um feminismo bem-humorado e verdadeiro para dentro dos lares e das vidas daquelas que viviam sob o tacão do machismo da sociedade.

Foi ela quem nos ensinou que “nem toda feiticeira é corcunda” em clara alusão à suspeita milenar que paira sobre as mulheres de serem bruxas, e que já levou muitas à fogueira. E que há mulheres – entre as quais a mesma Rita – que “é mais macho que muito homem”. Anunciou em alto e bom som “que um dia resolveu mudar e fazer tudo que queria fazer”.

Mas é na canção *Cor de rosa choque* que se encontram as mais belas verdades do pensamento desta mulher livre e talentosa sobre seu próprio gênero. Ali ela diz que a mulher é um bicho esquisito, que todo mês sangra e “tem um sexto sentido maior que a razão”. Desmitologizando a categorização do sexo feminino como sexo frágil, Rita afirmou que essa fragilidade toda não foge à luta homenageando assim todas as mulheres do Brasil e do mundo que cada dia se levantam ao mesmo tempo que o sol e saem em busca da vida para si e os seus. Com ela, os dias de luta das Gatas Borralheiras teve fim, porque são Princesas, e Dondoca é uma espécie em extinção.

Em suma, nas composições da roqueira, o rosa bebê foi banido da paleta de cores femininas como a cor por excelência para significar a mulher, pálido e desbotado. Se for rosa, é rosa choque. Cor viva, pujante, provocante, que não aceita provocações machistas e

conservadoras, assim como a própria Rita com seu rosto brejeiro de sorriso alegre, olhos verdes encimado por uma cabeleira ruiva que brilha como o sol.

O feminismo de Rita não é da primeira onda e não trava lutas antiéticas com os homens. Pelo contrário, eles foram sempre muito bem-vindos em suas criações e em sua companhia. Sua vida foi povoada intimamente por essa espécie chamada homem que, ao lado de uma mulher forte, pode dar toda a sua medida. Testemunho disso é seu casamento de quase 50 anos com Roberto, companheiro na alegria e na tristeza, na saúde e quase dedicadamente na doença até o fim. Assim como os três filhos Antônio, Beto e João. Alegre e encantadoramente, ela proclamou a liberdade da mulher e deixou uma marca original e particular na história do feminismo.

Mulher que não se enquadra nos padrões sociais mais conservadores, Rita foi sobretudo livre e alegre. Seu legado é testemunho dessa liberdade e dessa alegria. Seja de que credo for, de que proveniência, de que pertença, a liberdade é um dos pontos identitários mais constitutivos e dignos do ser humano. A vida de Rita foi toda ela um canto à liberdade. A alegria que vivia e espalhava ao seu redor era um dom cuja fonte mais originária é o Espírito que sopra sobre a argila e cria a vida.

Agora Rita vive a plenitude dessa liberdade e a alegria sem limites. Sua vida foi plena e bonita. Sua morte é sentida com saudades. Seu legado permanece. Em todo lugar onde se cantar a justiça e a liberdade, sua presença ali estará, fazendo “um monte de gente feliz”.